

EDIÇÃO N. 8 DA PRÁXIS E HEGEMONIA POPULAR

“LUTAS POPULARES E SUBVERSÃO REACIONÁRIA NA AMÉRICA LATINA”

APRESENTAÇÃO

É com muita honra e satisfação que apresentamos o Dossiê “**Lutas populares e subversão reacionária na América Latina**”, que busca apresentar reflexões e análises de suma importância para avaliar em perspectiva teórico-prática o contexto da emergência das diferentes formas políticas reacionárias e antidemocráticas que emergiram na América Latina no âmbito do neoliberalismo contemporâneo e os seus movimentos, partidos, grupos e atores das lutas populares latino-americanas na atualidade.

O dossiê é aberto com a inestimável contribuição de Isabel Monal, que se sustenta como uma importantíssima referência para a análise de toda a pauta atinente a este dossiê. Sua reflexão se dirige a uma crítica da razão identitária pura como elaboração destituída de historicidade e espacialidade concretas e socialmente determinadas. Neste sentido, qualquer análise que envolva a cultura à luz do marxismo não pode ser tomada de forma independente, visando assim, analisar profundamente as consequências da mundialização sobre as identidades socioculturais nacionais.

Não menos importante, segue-se a reflexão de Anita Helena Schlesener, Gilson Mezarobba e Tatiani Maria Garcia de Almeida. A referência da metáfora do centauro maquiaveliano é abordada como ponto de partida com o objetivo de analisar, sob o prisma da hegemonia gramsciana, as políticas imperialistas e as novas características da luta de classes, com especial ênfase para o fascismo. Ademais, aborda-se a hegemonia contemplada no equilíbrio entre força e consenso e também como superação da violência pela civilidade, fator enfatizado por Maquiavel na política aconselhada ao Príncipe.

O dossiê é enriquecido também com a análise de Javier Balsa e Diogo Valença de Azevedo Costa. As estratégias burguesas no Brasil e como elas foram usadas com o objetivo de derrotar a esquerda no período compreendido entre 2002 e 2016 são analisadas na sua feição hegemônica de um processo histórico que remonta aos anos 80. O argumento da rearticulação burguesa frente à nova conjuntura dos governos populares se desenvolveu em termos da unificação da própria classe, da obtenção do apoio de outras classes e dos intelectuais tradicionais, e da divisão do campo popular, impedindo a unificação dos partidos e movimentos sociais de esquerda.

Também somos brindados com a instigante análise de Virgínia Fontes que nos oferece uma reflexão que toma como ponto de partida a categoria de subalterno. Nela, demonstra-se como os aparelhos privados de hegemonia das classes dominantes incidem sobre a educação e formação político-intelectual das classes trabalhadoras do campo e da

cidade. A fragmentação que pauta o processo histórico atinente às classes subalternas enquanto forma concreta atual da sujeição do trabalho ao capital possibilita um ângulo analítico relevante para a definição tanto das condições objetivas quanto subjetivas da constituição e lutas das classes subalternas.

O texto de Gianni Fresu suscita uma importante elucidação no tocante ao fascismo e ao novo autoritarismo em relação aos pontos em comum e distintos. A ênfase analítica aqui recai sobre um dos maiores legados do fascismo nos dias atuais, a saber, a onipresença dos meios de comunicação de massa e dos novos meios de divulgação das informações e da desinformação.

Por sua vez, Katia I. Marro nos oferece uma importante contribuição no sentido de situar as lutas sociais das classes subalternas do Brasil e da América Latina contemporânea em termos de buscar entender sua capacidade de enfrentar o padrão primário exportador que caracteriza a acumulação ampliada do capital. Além disso, são apontadas as movimentações das classes subalternas, enfatizando-se os impulsos de rebelião historicamente situados em tal quadro mais amplo.

Um relevante contributo desdobrado de um trabalho teórico-prático envolvendo os movimentos sociais e o Curso de Aperfeiçoamento Escola da Terra Capixaba também nos é proporcionada pelo artigo de Adriano Ramos de Souza e de Erineu Foreste. Nele, sob a ótica de Gramsci e Paulo Freire, o trabalho busca contribuir para o entendimento dos professores como intelectuais orgânicos e na valorização das culturas como processo educativo em um esforço de emancipação dos sujeitos.

Outra importante elaboração é o texto de Leandro Galastri. Nele, traços básicos do fascismo, do americanismo e do fordismo são revisitados no que se refere às relações gerais de força entre as classes sociais em presença nos respectivos processos históricos. Isto é feito através da assimilação da perspectiva metodológica que acompanha o desenvolvimento diacrônico do pensamento de Gramsci nos Cadernos do Cárcere, ao longo do qual a metáfora “arquitetônica” da dicotomia entre “estrutura” e “superestrutura” é entendida como superada.

Por fim, a artigo de Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos apresenta uma reflexão sobre a perspectiva de longa duração de interpretações sobre o fascismo no âmbito do quadro mais amplo da análise de relações de força. Apresentam-se elementos e hipóteses sobre aspectos históricos que levaram à emergência de governos de extrema-direita que conectam a longa duração histórica, conjunturas e possíveis origens mais enraizadas das causas de tais ocorrências no Brasil e no mundo todo.

Boa leitura!

Luciana Aliaga
Leandro Galastri
Rodrigo Passos

Marília-SP, novembro de 2021